

Manuel Gama
Departamento de Filosofia e Cultura
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

*A dignidade do homem
vale mais do que o mérito do sábio.*
(SAMPAIO BRUNO, *ID*, p. 114)

1. - Ao invocarmos a nossa formação pessoal, geralmente remetemos para a influência dos nossos pais e dos nossos professores. Com frequência esquecemos os livros¹. Não foi o caso de Sampaio Bruno. É verdade que do pai guardava uma indelével recordação de sentido de justiça, enxertado no sólido valor da honradez. À mãe ligava-o um íntimo laço afectivo, traduzido no sentimento de «acerba saudade», expresso sobretudo aquando da separação pelo exílio. As escolas, em contraste, ficaram-lhe gravadas na memória como «casas de tormentos» com «feitio inquisitorial» e os mestres recordava-os com um «ódio implacável».

É, no entanto, aos livros que atribui o factor mais decisivo na formação da sua personalidade, do seu carácter. Aí teria bebido, ou pelo menos alimentado, o confessado «sonho sublime da paz e da liberdade» e o «ódio contra os déspotas.»² Com apenas doze anos, por circunstâncias imponderáveis, Bruno transforma-se, como recorda, numa «vítima do livro»³. Já versado nas *Confissões* de Rousseau, através da leitura de alguns trechos, por seu pai, à noite, foi também, e sobretudo, na leitura directa e apressada, por motivo de escassez de tempo, de obras como *Os Mistérios do Povo*, de Eugène Sue, *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, *A Liberdade de Consciência*, de Jules Simon, e ainda o folheto *Os meus queixumes*, editado em 1853, da autoria do seu próprio pai, José Paes de Sampaio, que moldou os pilares da sua consciência.

Fruto da leitura daquelas e doutras obras, ficar-lhe-á um vinco no espírito, que acompanhará todo o seu percurso vital. Essas leituras sensibilizam-no para valores como a Justiça, a Liberdade, a Lealdade, a defesa dos mais desfavorecidos, que balizarão a sua decidida conduta.

As leituras concorreram determinadamente para a formação de uma autêntica consciência iluminista, dando concretização à famosa frase de Kant quando afirma que com o Iluminismo o homem saiu da menoridade⁴.

* *Texto da comunicação proferida no Colóquio «O Pensamento Filosófico Português no Século XIX», no âmbito da apresentação do vol. IV da História do Pensamento Filosófico Português, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 7 e 8 de Abril de 2005.*

¹ Borges dizia que nós somos, para além dos lugares que conhecemos e das pessoas que amamos e amámos, os livros que lemos.

² Bruno, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902, p. XIV.

Dada a frequente referência a esta obra, passaremos a indicá-la com a sigla **ID**.

³ *ID*, p. X.

⁴ Segundo Kant, «*As Luzes são o sair do homem da menoridade de que ele próprio é responsável. A menoridade é a incapacidade de se servir do seu entendimento sem que outro o dirija*» - José Esteves Pereira (Apresentação, tradução e notas), «Kant e a "Resposta à Pergunta: o que são as Luzes"», em *Cultura. História e Filosofia*, Lisboa, vol. III (1984), p. 160.

A luta pela liberdade de consciência não se restringia à sua própria. É no sentido de ajudar os outros, na sua emancipação, que encetarà uma tarefa de publicista, diríamos militante. Aos catorze anos não se saberia no que ia dar, mas o seu primeiro artigo, publicado com essa idade, e intitulado «Sotaina. Carta aos católicos do congresso, do "Bem Público", da "Nação" e quejandos», embora percorrido de alguma fantasia, já se nota impregnado de intencionalidade.

A sua continuada colaboração em várias dezenas de periódicos, desde diários, hebdomadários até outros de mais larga periodicidade, estava embebida num espírito de missão. Para ele o jornalista era a maneira moderna de ser pregador, assim como este tinha sido a maneira antiga de ser jornalista⁵. Bruno teria sido, *avant la lettre*, o que hoje se chama de *opinion maker*. É nesse sentido que se deve entender a sua intervenção pública pela via da escrita. O termo publicista significa - recorrendo ao recente dicionário da Academia das Ciências de Lisboa - o escritor público ou homem de letras que, através de jornais e revistas, escrevia sobre política, economia social, direito público, etc. A actividade publicista de Bruno – já a do tempo da maturidade – foi marcada por uma clara orientação humanista. Temática que deixaremos para o final deste estudo..

2. - Na escrita de Sampaio Bruno, de uma maneira geral, encontramos preocupações de índole filosófica. Mesmo no tratamento de temáticas, à primeira vista tidas por menores, esse pano de fundo está lá.

No entanto, entre os vários temas, Bruno cedo fora suscitado pelos assuntos de índole religiosa. Consciente de que não há cultura sem religião⁶, e que esta é também um dos factores mais decisivos nas mentalidades, imerge o seu espírito num vasto acervo bibliográfico nessa temática. Dessa profunda preocupação resultará, em primeiro lugar, uma posição radical, um «critério ímpio» - na sua expressão -, a que se seguirá uma reorientação nas leituras e nos princípios. Ainda assim, quer numa fase, quer noutra, o ideal será o mesmo: a emancipação do espírito, a liberdade de consciência. Não só em relação a si, mas sobretudo aos portugueses e ao homem em geral.

Na primeira fase, entrevê-se uma posição marcada pelo radicalismo; dela resultarão artigos em vários periódicos e, sobretudo, o seu primeiro livro intitulado *Análise da Crença Cristã (Estudos críticos sobre o cristianismo)*, onde se analisam os milagres, a escravatura e o cristianismo, os dogmas e as crenças. Este estudo inscreve-se numa leitura maniqueísta, por parte de quem se acha do lado absoluto da Luz e, tomando uma atitude provocatória, à maneira iluminístico-voltaireana, increpa aqueles que estão do lado das Trevas: «*Fiat lux!* Vamos - refere ele logo no prefácio -, trata-se de *écraser l'infame*. Esmaguemos o infame, pois. [...]. E agora; eia, *oh vós outros*, a injúria, a calúnia, a infâmia, sobre mim!»⁷

O contacto precoce com autores, então em voga, como Voltaire, Diderot, Büchner, Moleschott, Darwin, Comte⁸, dará origem a essa obra de cruzada anticlerical, movida pelo livre-pensamento: «O meu livro é *um livro de combate*. Filiado na escola dos atletas do século XVIII e dos renovadores da época actual, este volume tem por fim bradar bem alto ao povo que contemple de face os seus ídolos [...].»⁹

⁵ Cf. Bruno, *Portuenses Ilustres*, vol. II, Magalhães & Moniz, Porto, 1907, p. 333.

⁶ Sampaio Bruno acha que na constituição antropológica o *homo religiosus* tem supremacia sobre o *homo politicus* e sobre o *homo aestheticus*. Ideia também exposta por Agostinho da Silva.

⁷ Bruno, *Análise da Crença Cristã (Estudos Críticos sobre o Cristianismo)*, Tipografia Artur José de Sousa, Porto, 1874, pp. XIV-XV.

⁸ Depois, a consciência e os escritos de Bruno irão sofrendo uma transmutação. A conselho de amigos, lança-se a leituras de outra índole. Entre essas, anota as da *Ciência das Religiões*, de Emílio Burnouf, *Ciência das Religiões*, de Max Müller, *História do Dogma da Divindade de Jesus Cristo*, de Alberto Réville, não esquecendo outras exposições como a do pastor Coquerel, de Strauss, de Feuerbach e do dr. Ewerbeck.

⁹ Bruno, *Análise da Crença Cristã*, p. XIV.

Apesar de tudo, há uma intuição que permanecerá: o problema do mal¹⁰. Neste tema reside, pensamos, um dos aspectos que mais perdurará na obra de Sampaio Bruno. Educado sentimentalmente na leitura d'*Os Mistérios do Povo*, de Eugène Sue, pela qual fora suscitado para o sentimento do mal, agora, nesta sua obra passa «da percepção e do sentimento do mal para a busca da inteligibilidade e justificação desse mal.»¹¹

Ao longo de extensas páginas, sobretudo n' *O Brasil Mental* (1898), dedicadas à análise crítica do positivismo e à defesa da metafísica, Sampaio Bruno havia assentado determinados pressupostos que irão ser a porta de acesso para um novo passo no seu pensamento, que irá desenvolver e aprofundar n' *A Ideia de Deus* (1902). Estava aberto o caminho para as suas reflexões de ordem metafísica.

3. - Segundo Bruno, sem a metafísica, como queria o positivismo, não era possível fazer uma global e coerente teorização filosófica sobre qualquer matéria. Trata-se, afinal, da busca de resposta às questões *reais* do espírito, de que Bruno tem clara consciência na sua reflexão filosófica.

No seu pensamento encontramos a preocupação pelos assuntos mais fundamentais da filosofia: Deus, o homem, o universo. Temas como a origem e a essência de tudo, a condição e o destino do homem, o problema do mal, o universo e a sua evolução, a existência de Deus, são nevrálgicos na sua filosofia. Como preocupação primeira encontramos a (in)conciliação entre a perfeição de Deus e a existência do mal.

Nas suas análises sobre a ideia de Deus, chega à conclusão de que as vias de prova da sua existência, apresentadas pelo pensamento ortodoxo de teólogos e metafísicos, concluíam apenas pela existência de um ente de razão. Bruno, vendo essa argumentação marcada pela incongruência, parte para uma enunciação diferente do problema, tendo em conta a sua própria vivência, da qual não fazia parte a fé religiosa, e também o contexto da prática religiosa, onde não vislumbrava a presença de Deus. Deus surge-lhe, então, não como a causa de todo o criado, mas como a essência absoluta.

A questão central da existência de Deus, no seu pensamento, não era a do fundamento dos seres finitos, como tinha sido apresentada pelas vias de prova tradicionais, mas a da origem e fundamento do mal e, concomitantemente, a sua eliminação. Problema que não era exclusivo da condição humana, mas comum a todo o universo. Mesmo se Deus não é nem pode ser a origem do mal, a realidade deste é incontestável e não pode ser vista à margem da realidade de Deus. Então, como conciliar a realidade do mal com a realidade de Deus – sendo este ortodoxamente apresentado como transcendente, onisciente e onipotente – e, ainda, que se pode dizer filosoficamente sobre a origem, a justificação e a resolução do mal na condição humana e em todo o universo? Estas algumas das questões que constituem a medula das densas páginas d' *A Ideia Deus*.

Sampaio Bruno, atormentado por esse grande problema do mal, entra no limiar da metafísica. Como deixara esclarecido n' *O Brasil Mental*, a inteligibilidade do mal não era possível no seio das ciências positivas, pois não se trata de um qualquer objecto sobre o qual se possa fazer uma investigação laboratorial. À sua ordem tem de corresponder um estudo de diferente ordem, um estudo metafísico, pelo qual Bruno irá enveredar. Apesar disso, para explicar o aparecimento do mundo (e do mal), afasta-se da explicação teísta que o coloca intrínseco à criação divina. Em consequência, nega igualmente a perfeição divina em termos tradicionais. A origem do Universo e o aparecimento do mal radica-os num mistério

¹⁰ Segundo António Braz Teixeira, no pensamento filosófico português dos séculos XIX-XX, encontramos uma orientação, bem vincada, de cariz teodiceico, onde se inclui o problema do mal. Ver António Braz Teixeira, «O mal na filosofia portuguesa dos séculos XIX e XX», em *Id., Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, pp. 61-78.

¹¹ Alexandre Fradique Morujão, «O itinerário filosófico de Sampaio Bruno», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XLIII, 3-4(1987), p. 228.

inexplicável, pelo qual o Ser único, originário e absoluto se alterou: «Nós não podemos compreender - diz Bruno - como foi esse mistério da diferenciação de parte do espírito puro. Porém, que ele dado se houvesse é necessário: para que, um tanto ininteligivelmente o enigma universal nos seja, ainda que em seu limiar, acessível.»¹² Como se deu essa queda - intrínseca ao próprio Deus e não queda das criaturas -, eis um dos pontos seminais da sua filosofia.

Afastada a tese criacionista, Bruno enceta uma outra explicação para a gênese do mundo. Pelas indicações que nos dá, o seu esquema de cariz místico ter-se-á inspirado nas ideias de E. de Hartmann, expostas na sua obra *Filosofia do Inconsciente*, que por sua vez faz eco do pensamento do filósofo alemão Schelling, que sintetiza determinadas tendências da cultura ocidental. Tendências essas, de cariz neoplatónico, próximas dos sistemas gnósticos heterodoxos, e veiculadas por Jacob Boehme, um dos expoentes da mística especulativa alemã dos séculos XVI-XVII, que procura conciliar o absoluto com a existência da realidade finita e respectiva presença do mal¹³.

No entanto, tudo permanece envolto em mistério. Querer tirar o véu e atingir a verdade absoluta não o lograremos na actual condição humana. É uma realidade que excede o nosso espírito. Só, utopicamente e utopicamente¹⁴, na consumação dos séculos, refere Bruno, virá um Buda «experimentalista e dialéctico», um Cristo, cujos «prodígios sejam argumentos», o «Paracleto, o consolador» proclamar assim aos homens: «Explicar-vos-ei Deus na sua plenitude pelo desenvolvimento de Deus em sua essência. Explicar-vos-ei a criação dos mundos e a dos homens, a origem do mal, a salvação das almas e o fim da matéria. E os espíritos que em si-mesmos encerram alguma coisa de celeste aí verão claro e prestes compreenderão.»¹⁵

Bruno não deixa, apesar do denso mistério, de fazer uma reflexão filosófica sobre aquilo que é nuclear na sua filosofia, o Universo e o seu sentido. No seu pensamento, o mal não pode ser obra do homem. Quando muito, o homem é um «operário» do mal, o que já é um mal, mas isso não significa que ele seja o seu criador, porque se assim fosse, ao homem se teriam de imputar todas as calamidades que acontecem no mundo: «Se o mal é obra do homem, diz Bruno, os flagelos mortíficos que açoitam animais e plantas obra do homem são; os tufões são desencadeados pelos pilotos dos navios que naufragam e o terramoto de Lisboa foi encomendado adrede pelo marquês de Pombal [...]. Nem do mal moral todo o homem será responsável, como o não é de suas ferocidades o selvagem primitivo; e, que o fosse, restava ainda o problema na mesma. Que o homem possa operar a existência do mal – é, já, o primeiro mal; e esse, originário de todos, é que ele o não criou. Em última análise, Deus resta o responsável, por ter dado a existência a um ser tão mau que haveria de perturbar a ordem do universo fazendo aparecer na terra o mal.»¹⁶ Como explicar então o aparecimento do mal e do erro? O mal e o erro são intrínsecos ao mundo pela queda, assim sendo desde o princípio. E o mal não é condição exclusiva do homem, mas de toda a natureza. Assim, também a redenção, o regresso ao homogéneo, não é exclusiva ao homem, mas envolve todo o universo. O mal surge no mundo naquele momento em que se dá o aparecimento da matéria, na segunda etapa do seu esquema evolutivo, de matriz spenceriana: «No princípio era a Perfeição, o espírito homogéneo e puro. No segundo momento, mercê do efeito dum mistério, temos o espírito diminuído e a seu par a diferença que se tornou heterogénea, isto é o mundo. No terceiro momento, reintegrar-se-á o espírito puro, pela absorção final de todo o heterogéneo. Assim, três são os instantes supremos do crescimento. Um: é o espírito homogéneo e puro, que foi e há-de voltar a ser. Eis o ponto-de-partida e eis o ponto-de-chegada. Outro: é o espírito puro mas diminuído actualmente, pelo destaque separativo do universo. Enfim, o outro ainda: é esse universo, que aspira a regressar ao

¹² *ID*, p. 460.

¹³ Certamente, outras orientações interessaram a Bruno. Entre essas estariam as de linha esotérica de Martinez Pascualis (século XVIII) e do seu discípulo Saint-Martin (1743-1803). Das ideias da obra de Martinez Pascualis, *Tratado da Reintegração dos Seres Criados nas suas primitivas propriedades, virtudes e poderes espirituais e divinos*, teria tido conhecimento através de Saint-Martin.

¹⁴ Afirma Bruno: «Não veremos, destes olhos terrenos, o jorro da luz [...]» - *ID*, p. 482.

¹⁵ *ID*, p. 482.

¹⁶ *ID*, p. 426.

homogéneo inicial.»¹⁷ Esta teoria da evolução, de cerne nitidamente heterodoxo, tradu-la Amorim de Carvalho por este esquema: Deus-Homogéneo → queda de Deus → Mundo-Heterogéneo → o Mal → Redenção pela consciencialização e cooperação universal com Deus → Reintegração em Deus e termo dos seres individuais¹⁸.

Sobre o processo da «criação», e tudo o que lhe está associado, já Bruno havia dado o melhor da sua reflexão, como referimos atrás. Agora, no epílogo d'*A Ideia de Deus*, debruça-se, em visão prospectiva, sobre o desfecho da evolução e sobre o papel que cabe ao homem no decurso e no seio dessa evolução, onde encontramos um pendor acentuadamente racionalista¹⁹. A revelação dirigir-se-á à razão, e não às almas como proclamava Jesus Cristo. O postulado será que «Germinal agora só o Racional»²⁰ ou «A fé será teorema.»²¹ As deduções fã-las de imediato. A religião indica a vereda, mas, agora, a religião não é a dos santos; agora, o «santo tem de ser o sábio. A prática não é de boas-obras, mas de bons-pensamentos.» Agora, a «virtude não é o esteio da verdade. O sacrifício, *qu'est-ce que cela prouve?* O martírio é inútil, porque não é silogismo.» A «revelação há-de sair demonstração hoje em dia» e das «mentes inspiradas, tem de brotar, cair a verdade crítica». Agora, a fé tem de sair do cálculo, até que surja um Cristo²² que se entenda plenamente pela via do raciocínio: «Assim, portanto, as almas têm de reacender-se no raciocínio; e a fé há-de emergir do cálculo. Virá um Buda experimentalista e dialéctico. Um Cristo virá, cujos prodígios sejam argumentos.» (como já referido anteriormente). Então, com a vinda de um Cristo de total inteligibilidade, que chegará quando os raciocínios estiverem aptos para o entender, o mundo estará preparado para a etapa final da reabsorção esperada, em que o Homogéneo novamente será, como anuncia no término d'*A Ideia de Deus*: «No tom do movimento universal, o movimento individual, pelo exercício da sabedoria e pela prática da santidade (o que virá então a consistir no mesmo), convergirá, indescrivelmente, para a absorção recuperadora. A resorção do cosmos ultimar-se-á a reintegração da unidade do infinito no perfeito. Haverá Deus, e um Deus só, e só Deus. [...]. Redimido o diferenciado, na consumação dos séculos, como o foi antes dos séculos: - a homogeneidade do absoluto será.»²³

A busca de Deus, na postura heterodoxa de Bruno, não se fixa na via da revelação, mas no caminho da razão filosófica. Ou seja, a fé religiosa subsume-se na razão

¹⁷ *ID*, p. 460. Posteriormente, após várias reflexões, em jeito de sinopse, Bruno volta a expor esse seu esquema de matriz claramente spenceriana: «Recapitulando, temos: no primeiro momento da ideação, a Eternidade, igual ao Infinito no Tempo puro. No segundo momento: temos o Infinito, no Tempo puro, mas agora diminuídos; e concomitantemente o Espaço, isto é Tempo alterado, espaço que é a matéria, no átomo primo, extenso e contíguo, em movimento. No terceiro momento: temos essas duas existências e agora uma terceira, que é o tempo derivado, o tempo contado no espaço [a duração], pela grandeza medida, isto é pela qualidade comparada à qualidade (ou seja quantidade) a qual se contém, desde o momento anterior, no número sucessivo dos átomos primos.», *ID*, p. 397.

¹⁸ Cf. Amorim de Carvalho, *O Positivismo Metafísico de Sampaio Bruno: as influências de Comte e Hartmann: crítica e reflexões filosóficas*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1960, p. 173.

¹⁹ O livro *A Ideia de Deus*, informa-nos Bruno, foi escrito com motivo e a propósito de Amorim Viana, e constitui o «anelo dum "misticismo idealista"», que é, simultaneamente, fecho da sua obra e motivo de esperança essencial que, está certo, «chegar-se-á, lá para os dias mais confiantes do longínquo porvir», *ID*, pp. 481-482.

²⁰ *ID*, p. 480.

²¹ Bruno, *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904, p. 378.

²² Ideia muito própria de Bruno, a da vinda de um novo Cristo, enquanto que Guerra Junqueiro imaginava o regresso de Jesus à terra, tal como o anota António Braz Teixeira, «A ideia de Deus na filosofia luso-brasileira, de Silvestre Pinheiro Ferreira a Leonardo Coimbra», em *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, p. 46.

²³ *ID*, p. 483.

filosófica e o discurso teológico passa a ser o discurso filosófico²⁴, em que o conteúdo da fé, embora não seja eliminado de todo, passa para a ordem racional.

Se a raiz do mal é separação/queda de Deus, o bem será integração em Deus/Homogéneo. Ao homem, dado que Deus não será onipotente, cabe o papel de, na medida das suas possibilidades, ser libertador-integrador, diminuindo, pelo amor, a separação até à reintegração final no Homogéneo ou espírito puro. A felicidade do homem, que não se identifica com gozo ou fruição, teria a ver com o termo do mal. E a missão do homem não se restringe à sua espécie, mas a toda a natureza, resistindo e eliminando o mal, como vemos na expressão de Novalis e que Bruno corrobora: «Não foi Tolstoi. Quem encontrou a palavra do enigma foi o poeta alemão Novalis. Novalis escreveu: *-o fim do Homem é ajudar a evolução da Natureza*. Esta palavra vai até ao fundo do fundo do abismo. Nunca nenhuma assim sublime brotou de lábios inspirados. *O fim do Homem é ajudar a evolução da Natureza.*»²⁵ O que nos leva a ver também a defesa de uma «moral cósmica»²⁶, utilizando a expressão do próprio Bruno a propósito de Guerra Junqueiro

O homem deve entrar activamente na sinuosa marcha da história, certo de que, por entre aparentes contradições, o progresso *essencial* avança: «Bem sei que o desenvolvimento mental e moral nas sociedades políticas se não faz com o rigor lógico com que se raciocina nas ciências e se pretende raciocinar nas filosofias. Na marcha histórica tudo são compromissos, concessões, contemporizações e contradições; e é por esses torcicolos, com suas regressões e suas estagnações, que o movimento definitivo de avanço se desenrola e prossegue.»²⁷

4. - A positividade do mal, para Bruno, é indesmentível. Só uma “solução” se lhe apresenta na caminhada para o Homogéneo: lutar contra ele. Perante a realidade positiva do mal, Sampaio Bruno, tomando o exemplo de algumas boas práticas de Cavaleiros do Amor ou do Bem – e sempre no seu horizonte humanista e na sua missão de publicista – elegeu alguns exemplos elucidativos da luta travada, ou a travar, contra o mal. Entre eles estão a Inquisição, a pena de morte, as agressões físicas, as touradas, as injustiças (configuradas na história pessoal de seu pai). A Inquisição via-a como a besta-negra, o monstro horrendo do Santo Ofício²⁸ e, pensava ele, não renascerá. No entanto, no seu tempo, ainda encontrou o uso da palmatória – e outras agressões físicas –, que via como uma prática para-inquisitorial, logo, uma forma de laboração do mal.

Nas touradas vê simbolizada toda uma ofensa aos seres vivos em geral, em que o homem encontra no sofrimento de um animal uma fonte de prazer: «Ainda o homem busca o divertimento próprio no sofrimento alheio. Ainda encontra prazer em infligir a dor. Ainda se não envergonha de abusar da inteligência na tortura da estupidez. Ainda não reconhece a solidariedade da vida, e não reputa ímpio o escarnecer da inocência do animal. Essa ferocidade conservada nos costumes, é um estigma.»²⁹ Lutar, pois, para encurtar o mal neste domínio é uma das «ideias altas e generosas», lembra e incentiva ele.

²⁴ Manuel Ferreira Patrício, neste assunto, e referindo-se ao pensamento da trilogia Amorim Viana-Sampaio Bruno-Leonardo Coimbra, faz enunciado exemplar: «Assim, estamos sempre perante um racionalismo que não é contraditório com a fé, mas que apenas quer racionalizá-la, ao mesmo tempo que quer a si fideizar-se, num trabalho de construção da harmonia plena do espírito humano.» - Manuel Ferreira Patrício, «Amorim Viana, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra: o diálogo triangular», in José Gama (Org.), *Actas do Colóquio Amorim Viana e a Filosofia em Portugal. A. Viana, S. Bruno, A. De Quental, L. Coimbra*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 2003, p. 87.

²⁵ *ID*, p. 470.

²⁶ *ID*, p. 471.

²⁷ *A Pátria*, Porto, 14 de Maio de 1910.

²⁸ Bruno, *Os Cavaleiros do Amor. Plano de um Livro a Fazer. Dispersos e Inéditos*, Compilação de José Pereira de Sampaio e Introdução de Joel Serrão, Guimarães Editores, Lisboa, 1960, p. 143.

²⁹ Bruno, *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904, p. 305.

Igualmente, sobre a pena de morte, o nosso filósofo e publicista expressa, com traço indelével, a sua luta e oposição³⁰. A acção literária de Victor Hugo fora fundamental na formação do sentimento da sua geração e «na leitura de suas constantes protestações contra a pena de morte se fortalecia a instintiva repugnância de nós-outros para com práticas aflitivas e cruéis»³¹, recorda ele. A agonia lenta do *último dia de um condenado* causava-lhes arrepios. Das sensações aos princípios ia um passo. Dentre estes, o da dignidade humana é o valor seminal. Como deixara estampado no diário portuense *A Voz Pública*, em 1901, a propósito da execução de Leão Czolgosz, assassino do presidente americano Mac-Kinley, «a vida humana é inviolável e sagrada»³².

Daí o orgulho que sentia em que Portugal se encontrasse na senda do progresso moral, pela iniciativa, em 1867, da abolição da pena de morte. Satisfação tanto maior, embora simultaneamente dolorosa, quanto nesse aspecto estávamos à frente da dita civilizada França³³. Depois, por que o grande Victor Hugo, em carta-resposta a Brito Aranha, emoldura mais esta dobragem dos navegadores intrépidos e que Bruno, com satisfação incontida, transcreve:

«A vossa nobre carta faz-me bater o coração. Eu sabia a grande nova; doce me é o por vosso intermédio receber-lhe o eco simpático. Não; não há povos pequenos. Há pequenos homens, ai de nós! E algumas vezes são esses os que conduzem os grandes povos. Os povos que têm déspotas assemelham-se a leões que tivessem açaimes. Eu amo e glorifico o vosso belo e querido Portugal. Ele é livre; portanto, é grande. Portugal acaba de abolir a pena de morte. Consumar esse progresso, é dar o grande passo da civilização. De hoje em diante, Portugal está à frente da Europa. Vós não haveis cessado de ser, vós-outros portugueses, navegadores intrépidos. Avante outrora no Oceano, hoje na verdade. Proclamar princípios é mais belo ainda do que descobrir mundos. Clamo: Glória a Portugal; e a vós-outro: em boa hora!»³⁴

Neste passo de gigante para o progresso moral, Sampaio Bruno rememora o relevante papel tido pelo deputado do círculo de Cedofeita, da cidade do Porto, Aires de Gouveia. Desde 1863, este representante portuense nas Cortes, encetara intensa campanha a favor desta causa, conforme excertos – que Bruno apresenta – das suas várias intervenções no Parlamento.

No entanto, na prática, as execuções já há longo tempo estavam afastadas em Portugal, por duas ordens de razões. Primeiro, por que a opinião pública reagia energicamente contra isso; depois, porque tivéramos o bom senso de edificar a gare do caminho-de-ferro em cima do local onde se levantava a forca de Lisboa. Remata Bruno que, assim, se substituíra «à barbaria a civilização.»³⁵

Com tudo isto, o nome de António Aires de Gouveia fica ligado «indissolúvelmente à abolição da pena de morte em Portugal, [e] um reflexo desta sua glória ilumina a terra em que ele nasceu.»³⁶

Para Sampaio Bruno a pena de morte é «imoral, improficua, injusta e perigosa.»³⁷ Se os escritos de Victor Hugo, conforme já referimos, contribuíram para a

³⁰ Cf. sobre este tema, José Augusto Seabra, «Aires de Gouveia, Sampaio Bruno e a abolição da pena de morte», em *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 20 de Setembro de 2000.

³¹ Bruno, *Portuenses Ilustres*, vol. II, Magalhães & Moniz, Porto, 1907, p.316.

³² *Id.*, «Barbarismos», em *A Voz Pública*, 31 de Outubro de 1901.

³³ Neste contexto, comenta: como a humanidade «tem sido cruel e perversa! Ainda mesmo nos grandes centros civilizados, conforme o exemplifica a própria França conservando até entrado o século XX a pena de morte...», *Id.*, *Portuenses Ilustres*, vol. II, *op. cit.*, p. 314.

³⁴ *Id.*, *Ib.*, p. 317.

³⁵ *Id.*, *Ib.*, p. 319.

³⁶ *Id.*, *Ib.*, p. 320.

³⁷ *Id.*, *Ib.*, p. 315. Além de outros dados, o sítio da Amnistia Internacional – Secção Portuguesa (<http://www.amnistia-internacional.pt/conteudos/dossierpmorte/dossierpmorte.php>) informa-nos que no final do primeiro terço do ano de 2003, ainda havia 83 países com legislação

formação da sua consciência, também é, por si, posta em relevo a influência decisiva de C. Beccaria e da sua obra *Tratado dos Delitos e das Penas*³⁸, dada à estampa em Milão, em 1764, defendendo princípios que renovaram e abrandaram o direito Penal.

Em conclusão, Sampaio Bruno deu a *sua* visão das coisas (do homem, do mundo, de Deus), buscando-lhe o seu sentido, trilhando, para isso, o *seu* próprio caminho, independentemente das posições mais comumente aceites no Portugal de então, ligadas à tradição católica. É um pensador que vale a pena ler e com ele reflectir, apesar de a sua escrita ser alheia ao valor da clareza. Inserido na causa republicano-positivista, soube preservar a metafísica. No seu pensamento encontramos, em sentido lato, o espírito da modernidade, com a defesa dos valores da autonomia, da liberdade, da tolerância. Ao homem atribui a primazia e, concomitantemente, a maior responsabilidade no universo. Apesar disso, encontramos nas ideias de Bruno uma sintonia com as modernas ideias da ecologia, ou construção da casa comum, ao incluir no seu esquema ideativo não apenas o homem, mas toda a Natureza.

BIBLIOGRAFIA

- BRUNO, *Análise da Crença Cristã (Estudos Críticos sobre o Cristianismo)*, Tipografia Artur José de Sousa, Porto, 1874.
- *O Brasil Mental. Esboço Crítico*, Livraria Chardron, Porto, 1898.
 - *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902.
 - *O Encoberto*, Livraria Moreira Porto, 1904.
 - *Portuenses Ilustres*, vol. II, Magalhães & Moniz, Porto, 1907.
 - *Os Cavaleiros do Amor. Plano de um Livro a Fazer. Dispersos e Inéditos*, Compilação de José Pereira de Sampaio e Introdução de Joel Serrão, Guimarães Editores, Lisboa, 1960.
- CARVALHO, Amorim de, *O Positivismo Metafísico de Sampaio Bruno. As influências de Comte e Hartmann. Críticas e reflexões filosóficas*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1960.
- GAMA, Manuel, *O pensamento de Sampaio Bruno: contribuição para a história da filosofia em Portugal*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1994.
- MORUJÃO, Alexandre, «O itinerário filosófico de Sampaio Bruno», em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XLIII, 3-4(1987), pp. 225-242.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira, «Amorim Viana, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra: o diálogo triangular», in José Gama (Org.), *Actas do Colóquio Amorim Viana e a Filosofia em Portugal. A. Viana, S. Bruno, A. De Quental, L. Coimbra*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 2003.
- PEREIRA, José Esteves (Apresentação, tradução e notas), «Kant e a "Resposta à Pergunta: o que são as Luzes"», em *Cultura. História e Filosofia*, Lisboa, vol. III(1984), pp. 153-168.
- SEABRA, José Augusto, «Aires de Gouveia, Sampaio Bruno e a abolição da pena de morte», em *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 20 de Setembro de 2000.

favorável à pena de morte: «Até Abril de 2003, 76 países e territórios aboliram a pena de morte para todos os crimes. Além destes, mais 15 países aboliram-na em relação a todos os crimes excepto no caso de situações excepcionais como os crimes em tempo de guerra. Vinte e um países eram abolicionistas na prática, isto é, não tinham realizado nenhuma execução durante os últimos 10 anos considerando-se que têm uma política ou uma prática bem estabelecida de não realizarem execuções. Actualmente existem 112 países que são abolicionistas oficialmente ou na prática, havendo 83 países que retêm e usam a pena de morte.»

³⁸ Sampaio Bruno considerava esta obra como um «livrinho notabilíssimo e nobilíssimo», que «na literatura filosófica moderna [foi] o primeiro e mais terrível embate à legitimidade e procedência da pena de morte», em *A Revista*, Porto, a. 2, nº 5(1904), p. 65.

TEIXEIRA, António Braz, «A ideia de Deus na filosofia luso-brasileira, de Silvestre Pinheiro Ferreira a Leonardo Coimbra», em *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, pp. 15-59.

TEIXEIRA, António Braz, «O mal na filosofia portuguesa dos séculos XIX e XX», em *Id., Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, pp. 61-78.